



Coordenação de Armindo Rodrigues

# Dia Nacional da Visibilidade Trans no Brasil: avanços e armadilhas em duas décadas

Autora: Tatiana Clébicar\*

No próximo dia 29, o Brasil celebrará duas décadas do Dia Nacional da Visibilidade Trans. A data, que antecedeu a criação do International Transgender Day of Visibility em 31 de maio de 2009, foi instituída após um grupo de travestis lançar no Congresso Nacional a campanha "Travesti e respeito", desenvolvida pelo Ministério da Saúde em articulação com as interessadas. Nesses 20 anos, as pessoas trans – que não se reconhecem com a designação de sexo que receberam ao nascer e que se identificam como transgêneros, transexuais, mulheres trans, homens trans, travestis, pessoas não-binárias entre outras identidades de gênero – têm reivindicado formas favoráveis de serem vistas na sociedade. Parte dessa história é contada na tese de doutoramento *"Transver o mundo": pessoas, campanhas e notícias*, que se concentrou em materiais produzidos pelo Governo Federal, jornais e relatos de pessoas trans para entender a produção discursiva sobre o tema. Desenvolvido na Fundação Oswaldo Cruz, o trabalho baseou-se no conceito de visibilidade, usado na filosofia, na comunicação e na saúde, para investigar como as pessoas trans se dão a ver, como são vistas e como veem os olhares sobre si. Refletir sobre a visibilidade das identidades trans signifi-

cou considerar o seu potencial e também a sua vulnerabilidade num período que alternou avanços e retrocessos. Estratégias políticas, culturais e mediáticas contribuíram para a melhor compreensão dessas experiências, ampliando as possibilidades de existência e a reivindicação de direitos. Movimentos sociais consolidaram a sua atuação, principalmente, nas grandes capitais do país. Na cena cultural, artistas da música, da literatura, do teatro, da TV e do cinema levaram aos palcos, aos ecrãs e aos livros histórias sobre formas plurais de estar no mundo. Nas ciências, a presença de investigadoras e investigadores trans lançou novos olhares para antigas questões. Por outro lado, permanecem variadas formas de violência física e simbólica que adoecem e matam as pessoas trans, principalmente as travestis. No Brasil, a recente conjunção de um governo explicitamente contrário a essa agenda e da pandemia da covid-19 agravou a situação.

### Falar com ≠ falar sobre

A pesquisa foi desenvolvida em etapas. A primeira consistiu na recolha e análise de materiais publicados entre 2004 e 2022: cartazes (Figura 1), folhetos, cartilhas, vídeos institucionais e notícias dos jornais *Folha de S.Paulo* e *O*



Figura 1: Cartaz da campanha de 2016 // Fonte: Brasil – Governo Federal

Coordenação de Armindo Rodrigues



## LITERATURA TODOS OS GÊNEROS

LIVROS DE AUTORES TRANS ganham espaço no mercado editorial e ajudam a derrubar estereótipos e mostrar uma outra realidade para além da repressão e do preconceito



Figura 2: Notícia de 27 de janeiro de 2020 // Fonte: O Globo

*Globo* (Figura 2). Pessoas trans que se destacaram nessas produções foram, então, convidadas para uma entrevista por videoconferência devido à pandemia. Nove delas, com perfis variados e provenientes de diferentes regiões do país, aceitaram. Após a primeira ronda de conversas, ficou nítida a necessidade de retornar às/aos participantes para que tivessem a oportunidade de conhecer e discutir os resultados. Em debate desde o início do projeto, uma inquietação manifestada por algumas pessoas entrevistadas motivou o reencontro virtual: a investigação era conduzida por alguém que não cruzou qualquer fronteira de gênero – uma pessoa cis, portanto. Tal característica precisava ser levada em conta e foi ponderada no diálogo com os/as participantes, no processo de (co)orientação e na formação de um júri composto por pesquisadoras e pesquisadores de diferentes campos, atuações e identidades de gênero. Essa foi a maneira encontrada para fazer jus à proposta de falar com as pessoas trans e não sobre elas. Num momento em que está em voga o debate sobre o *lugar de fala* na produção científica, a tese distingue que o respeito e o cuidado dedicados à alteridade não se confundem com a interdição de fala.

As formas de visibilidade trans construídas inicialmente no campo da saúde e reconstruídas pelos *media* criaram algumas armadilhas, como a fetichização dos corpos trans, e são ainda insuficientes para que as pessoas trans desfrutem do exercício pleno da cidadania. Mesmo assim, foram geridas pelas pessoas trans, protagonistas de todo o processo, e contribuíram para conquistas importantes como o direito à retificação da documentação civil e a oferta do chamado processo transexualizador pelo Sistema Único de Saúde (SUS), comparável ao SNS português. Além disso, no

contexto de um governo que restringiu as campanhas entre 2018 e 2022, os jornais atuaram como aliados, chamando atenção anualmente para a data. Apesar dos desafios a vencer, instituir um dia de visibilidade promoveu avanços em duas décadas. O maior deles foi contribuir para que as *pessoas trans* sejam vistas como *pessoas*.

\*Professora auxiliar convidada na FCSH e integrante do grupo de investigação "Diversidade sexual, cidadania e religião", da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). É doutorada em Comunicação e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).



## Conferência na UAC abre espaço para discutir relações de alteridade na ciência

Como construir conhecimento de forma partilhada sem abdicar do caráter autoral da produção científica? Como lidar com a alteridade de forma respeitosa, mas não subserviente? Esses e outros desafios relativos a pesquisas qualitativas serão debatidos na

comunicação *"Transseeing the world": the theoretical and methodological challenges of a cisgender woman researching transgender visibility* nesta quarta-feira durante a 8th World Conference on Qualitative Research, realizada de forma híbrida na UAC.